

Gravidez na Adolescência: Como a Família Vivencia Esse Fenômeno?¹

Clarissa Tochetto de Oliveira²

Ana Cristina Garcia Dias³

Naiana Dapieve Patias⁴

Resumo

Este trabalho apresenta uma revisão sistemática da literatura sobre a vivência da família ante a situação de gestação da filha adolescente. Para tanto, foi realizado um levantamento de artigos na base de dados SciELO com os seguintes descritores: gestação and adolescência and família; gravidez and adolescência and família, e gravidez and adolescente and pais. No total, foram encontrados 66 artigos. Após a utilização dos critérios de inclusão e exclusão, restaram para análise final apenas 10 artigos que se referiram diretamente ao tema. Após a leitura e análise desses trabalhos na íntegra, foram construídas três categorias que exemplificam a vivência da família face à gravidez adolescente: 1) O impacto da notícia da gestação da filha, 2) Dificuldades na comunicação entre pais e a adolescente, bem como o 3) Apoio familiar. Observa-se que esses três elementos expressam-se de maneira diversa, dependendo do contexto sócio-econômico e cultural no qual a família está inserida.

Palavras-chave: gravidez; adolescência; família.

Pregnancy in Adolescence: How Does the Family Experience This Phenomenon?

Abstract

This paper presents a systematic review of literature about the family experience of their daughters' teenage pregnancy. Therefore, a search was

¹ Este trabalho traz resultados do Projeto de Pesquisa "Família face à gestação e maternidade na adolescência"; o mesmo conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (processo 1014932) e com a bolsa de Iniciação Científica FIPE Sênior UFSM.

² Graduada em Psicologia (UFSM).

³ Psicóloga, Doutora em Psicologia escolar e do desenvolvimento (USP), Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSM.

⁴ Psicóloga, Mestranda em Psicologia (UFSM).

performed in SciELO database using the keywords: gestation and adolescence and family; pregnancy and adolescence and family; pregnancy and adolescent and parents. There were found 66 papers, but only 10 of them met the inclusion and exclusion criteria. After reading and analyzing the full-text of these articles, there were built three categories that show how family experience teenage pregnancy: 1) The impact of news of their daughters' teenage pregnancy, 2) The difficulties of communication between parents and the adolescent, and 3) Family support. It has been verified that these three elements depend on the family's cultural and socio-economic background.

Keywords: *pregnancy; adolescence; family.*

Introdução

A gravidez na adolescência denuncia, de forma inequívoca, a existência de atividade sexual durante esse período do desenvolvimento. Ter uma filha adolescente que começa a descobrir e viver sua sexualidade pode ser perturbador para os pais que, frequentemente, não estão preparados para a vida sexual ativa dos filhos adolescentes. O tema da sexualidade pode despertar sentimentos ambivalentes e certo constrangimento nos familiares quando esses necessitam tratar sobre este assunto com os filhos (Dias & Gomes, 1999). Como exemplo, pode-se citar a dificuldade dos pais em falar com os filhos sobre sexualidade, pois, muitas vezes, eles mesmos não tiveram com quem conversar sobre este tema. Soma-se a isso o fato de que a adolescência dos filhos pode despertar nos pais memórias, sentimentos e dificuldades que eles próprios enfrentaram durante a adolescência. Quando ocorre uma gestação na adolescência, essa, inevitavelmente, explicita a vida sexual dos filhos e traz uma série de transformações no contexto familiar (Baratieri, Vieira & Marcon, 2011).

De fato, a adolescência por si só representa uma crise para a família, que tenta se adaptar às novas demandas dos filhos, que não são mais crianças, mas ainda não são adultos. A gestação durante esse período pode representar um momento de crise na vida da jovem e de sua família (Levandowski, Piccinini & Lopes, 2008). Então, novos arranjos e combinações deverão ser realizados no contexto familiar para dar conta dessa situação considerada não normativa no desenvolvimento, pois se espera que os adolescentes “aproveitem a vida” nessa fase (Cervera, 1994; Dias & Gomes, 1999, Falcão & Salomão, 2005; Pantoja, 2003; Silva & Tonete, 2006). De acordo com Gonçalves e Knauth (2006), a juventude deve ser uma fase proveitosa. Assim, na visão das famílias de adolescentes de camadas

populares, uma gestação interrompe o “aproveitar a vida” da forma como se espera que os jovens o façam (Pantoja, 2003). Já, para as jovens de camadas médias, a gestação na adolescência interrompe temporariamente planos de estudo e trabalho (Gonçalves & Knauth, 2006).

Alguns exemplos de mudanças geradas pelo fenômeno da gravidez na adolescência no contexto familiar correspondem a adaptações do espaço físico da casa (“liberar espaço para o bebê e a jovem mãe” e companheiro, algumas vezes), oferecendo ambiente acolhedor para mãe-bebê, revezamento da família para acompanhar a gestante nas consultas pré-natais (Hoga, Borges & Alvarez, 2009) e reorganização financeira para comportar as novas despesas geradas pela vinda do futuro bebê (Persona, Shimo & Tarallo, 2004).

O objetivo desse estudo consiste em revisar de forma sistemática a literatura existente sobre a forma como pais e mães de adolescentes gestantes percebem e vivenciam a experiência de gestação na adolescência. Para tanto, buscou-se trabalhos que abordassem não só os sentimentos dos genitores que se encontram nessa situação, mas também suas reações, experiências e percepções sobre as repercussões que a gravidez da filha adolescente traz para si e para suas famílias. Compreender esses aspectos pode ajudar os profissionais da saúde, principalmente psicólogos, a entender e intervir ajudando famílias a se (re)organizarem face ao fenômeno da gestação adolescente.

Método

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura na base de dados Scielo Brasil (www.scielo.br). Para tanto, foram selecionadas palavras-chave que contemplassem o envolvimento da família na gestação adolescente, a saber: gravidez, gestação, adolescência, adolescente, família, pais. Foram utilizadas as seguintes combinações: gestação and adolescência and família, com a qual foram encontrados 10 artigos; gravidez and adolescência and família, com 36 artigos; e gravidez and adolescente and pais, com 20 artigos. No total, 66 artigos foram encontrados no levantamento. A fim de avaliar esses artigos, foi utilizada a metodologia proposta por Gil (2006). Para esse autor, a leitura dos trabalhos é composta por quatro etapas: leitura exploratória, seletiva, analítica e interpretativa. Na primeira etapa, procurou-se entrar em contato com os textos em sua totalidade para, após, realizar uma leitura aprofundada das partes que interessavam ao trabalho (leitura seletiva). O passo seguinte consistiu em ordenar e resumir as informações encontradas, identificando-se as ideias-chave dos textos e

construindo sínteses (leitura analítica). Na última etapa, leitura interpretativa, procurou-se estabelecer relações entre o conteúdo dos textos pesquisados, agrupando-os e, assim, conferindo um alcance mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica.

Na etapa de leitura exploratória dos artigos, foram encontrados 66 artigos na base de dados Scielo (www.scielo.br). Desses 66 artigos, 14 estavam duplicados. Assim, restaram 52 artigos a serem analisados. Foram lidos os resumos dos 52 artigos e com base nesses resumos, delimitou-se a amostra de trabalhos a serem lidos na íntegra e que fariam parte do corpus de análise do presente artigo, tomando por base o foco do estudo – analisar reações, experiências e percepções dos pais sobre a gravidez da filha adolescente.

O critério de inclusão dos artigos para participação na amostra final do estudo foi tratar do tema da adolescência associado com, ao menos, um dos seguintes termos: gestação ou maternidade, família e sexualidade. Os critérios de exclusão foram: não atender ao critério de inclusão, o artigo referir-se unicamente à adultez e/ou à infância, ou então focar apenas aspectos orgânicos, físicos, nutricionais, epidemiológicos ou abuso de substâncias na gestação durante a adolescência. Nesta etapa de análise, foram excluídos 42 artigos. Dessa forma, a amostra final foi composta por 10 trabalhos, que foram lidos integralmente. Essa leitura permitiu identificar três categorias referentes à forma como a família vivencia esta situação, a saber: 1) O impacto da notícia da gestação da filha, que trouxe aspectos relativos à forma como a família reage ante a notícia da gestação e como se comporta nos meses seguintes; 2) Dificuldades na comunicação entre pais e a adolescente, que revela aspectos relacionados às conversas sobre sexualidade tanto antes, como após a ocorrência da gestação; e 3) Apoio familiar, que foca aspectos relacionados à participação da família na gestação e após, com o nascimento do bebê.

Resultados e discussões

O impacto da notícia da gestação da filha

A notícia sobre a gestação de uma adolescente desperta sentimentos variados em seus familiares. Primeiramente, pode representar um “choque” para os familiares por se tratar de um acontecimento inesperado (Silva & Tonete, 2006). Para algumas famílias, a gestação pode representar uma ofensa à moral vigente, uma frustração de expectativas e projetos futuros, associados aos sentimentos de decepção, raiva, vergonha, impotência, culpa e desonra (Dias & Gomes, 1999; Monteiro et al., 2007). Esses as-

pectos são verificados, principalmente, nas famílias em que os pais sempre orientaram os filhos para cuidarem-se em relação à sexualidade (Monteiro et al., 2007). Isso também é verificado em famílias de camadas médias, nas quais os genitores esperam que seus filhos estudem para se inserir no mercado de trabalho de forma mais qualificada. Assim, a parentalidade acaba por ser percebida como problemática nesse momento da vida do jovem (Heilborn et al., 2002).

As reações iniciais dos membros da família frente à gravidez adolescente revelam conflitos familiares relacionados, basicamente, à desaprovação da gestação e ao receio de que a família pudesse se desestruturar em função das mudanças advindas desse evento. Dois exemplos de transformações correspondem à necessidade de adaptação de espaço físico e à necessidade de reajuste no orçamento familiar (Moreira et al., 2008).

As reações negativas à gestação por parte da família e do pai do bebê são mais evidentes nos casos em que as meninas são mais jovens e sem união consensual, pois se espera que a gravidez adolescente aconteça, pelo menos, em um relacionamento estável (Sabroza et al., 2004). Nas situações em que a gravidez é inesperada, a união estável da adolescente com o pai da criança pode contribuir para a representação da gestação, antes considerada precoce, como um evento natural e desejado. Essas modificações nas concepções sobre a gestação nesse período de vida podem advir do fato de que a gravidez e maternidade são, historicamente, eventos normativos do desenvolvimento e, geralmente, acontecem em situações de casamento ou união estável (Silva & Tonete, 2006). Por outro lado, quando a gestação não ocorre em uma situação de casamento ou relacionamento estável, as preocupações geradas por valores morais justificam a busca por providências imediatas, tomadas pelos membros da família, no sentido de regularizar a situação matrimonial de suas filhas, valorizado em camadas populares (Hoga et al., 2009).

Em contrapartida, há casos em que as famílias desejavam a gravidez da jovem. Isso é visível especialmente nas situações em que a menina já se encontrava em um relacionamento estável (morando junto) com o pai do bebê (Silva & Tonete, 2006). Nessas condições, o impacto da notícia revela-se positivo. Já nos casos em que a gestação é inesperada, há um impacto inicial pelas famílias, caracterizado pela reação inicial de surpresa, medo e até mesmo culpa. No entanto, essas famílias tendem a aceitar e a se conformar com a situação à medida que a notícia da gravidez passa a ser difundida entre os familiares. A convivência torna-se mais tranquila a partir do nascimento da criança. Nesses casos, os pais geralmente expressam sentimentos de satisfação e expectativas positivas face à gestação (Silva

& Tonete, 2006).

Há, também, descrições de famílias de adolescentes grávidas que se conformam com a notícia e com a ocorrência da gestação. No entanto, esse sentimento pode estar associado a um discurso de impotência dos pais frente à vivência desse fenômeno. Na amostra estudada por Silva e Tonete (2006), é possível observar certa familiaridade com a situação de gestação adolescente, seja por vivências familiares ou da comunidade na qual se encontram inseridos. Alguns pais, inclusive, podem não se preocupar em conversar com os filhos a respeito da adoção de medidas contraceptivas, pois acreditam que as adolescentes são predestinadas a serem mães durante esse período da vida. Esse tipo de reação pode ser observado em camadas da população menos favorecidas socioeconomicamente, nas quais as expectativas e consolidação de projetos relativos à escolarização e à profissionalização dos filhos podem ser menores (Silva & Tonete, 2006).

Ainda no que se refere ao impacto da gestação na família, a gravidez na adolescência acarreta, frequentemente, em ambas as classes econômicas, a destruição de planos e/ou adiamento de sonhos e projetos de vida, que levam a jovem a uma situação de (des)ajuste social, familiar e escolar. Essas mudanças bruscas podem contribuir para que a menina vivencie um momento de crise, quando, dependendo do grau de ajuste da personalidade, a mesma pode sair fortalecida ou caminhar para depressão, tentativa de aborto ou suicídio (Hoga, et al. 2009). Por outro lado, o impacto da gestação na adolescência depende do contexto sócio-econômico em que a família está inserida (Heilborn et al., 2002). A respeito disso, Heilborn et al. (2002) realizaram um estudo com camadas populares e médias da população que estavam passando pela situação da gestação. Esses autores revelam que a paternidade adolescente apresenta impacto reduzido sobre a vida dos jovens pais, contudo há forte impacto na vida das jovens mães. Muitos pais adolescentes não assumem a paternidade. No entanto, a menina não tem como se eximir dessa responsabilidade. Frequentemente, a adolescente acaba interrompendo seus estudos ou mesmo projetos profissionais durante o período da gestação. Assim, os autores observam que a gestação e a parentalidade adolescente acaba gerando maior impacto na vida de meninas de classes menos favorecidas, bem como para a de suas famílias, que devem se adaptar para o novo membro que virá, modificando o espaço físico da casa, oferecendo apoio afetivo e financeiro, entre outras mudanças. Já nos estratos médios, o impacto é menor, pois os projetos educacionais e profissionais buscam ser garantidos pelos pais desses adolescentes.

Além da necessidade de adaptações na família, que se iniciam já com

a notícia da gestação, os familiares costumam refletir sobre os fatores que podem ter contribuído para a ocorrência do fenômeno. Alguns acreditam que advertiram as adolescentes sobre as consequências de uma gravidez nesse momento da vida, de forma que a jovem poderia ter evitado a situação. Outros indicam que se sentem impotentes para evitar a ocorrência de uma gravidez precoce na família. Podem, ainda, buscar isentar-se de culpa, já que haviam informado as jovens sobre os riscos da atividade sexual ou, então, porque estiveram sempre dispostos a conversar sobre isso (Dias & Gomes, 1999, Silva & Tonete, 2006). É comum também os pais se sentirem culpados por não terem conversado com as filhas, ou devido ao reconhecimento de suas limitações em abordar os temas de sexualidade e contracepção. Esses aspectos serão discutidos na próxima categoria.

Dificuldades na comunicação entre pais e a adolescente

A família não é uma fonte frequentemente citada no que se refere à questão de orientação sobre sexualidade (Godinho, Shelp, Parada & Bertonecello, 2000). Muitas vezes, os próprios pais não receberam de seus genitores orientações a respeito da sexualidade e contracepção e tampouco foram orientados sobre como vivenciar sua própria adolescência e sexualidade (Hoga, et al. 2009). De fato, a gestação da filha adolescente leva os genitores a questionarem a qualidade das conversas sobre sexualidade que tiveram com seus próprios pais e com os filhos. Frequentemente, os pais tendem a concluir que falharam nas orientações fornecidas à filha (Dias & Gomes, 1999). As dificuldades em dialogar sobre sexualidade com a filha podem ser derivadas de questões culturais, vergonha e preconceitos historicamente construídos em torno da sexualidade, do corpo e do gênero (Heilborn et al., 2002). Por isso, principalmente com relação às meninas, as conversas sobre sexualidade resumem-se à educação sobre a higiene no período menstrual, comumente designada às mães (Monteiro et al., 2007). Dificilmente se explica ou se orienta as meninas sobre cuidados contraceptivos ou cuidados com o corpo e a importância de tais cuidados (Heilborn et al., 2002).

Mães e pais percebem de forma diferente as conversas estabelecidas com sua filha antes da gestação. As primeiras tendem a sentir culpa e raiva ao avaliar seus diálogos. Esses sentimentos são decorrentes das limitações pessoais para abordar o assunto apesar das informações oferecidas sobre as formas de prevenção à gestação. Já os pais parecem não demonstrar tanto sentimento de culpa ou fracasso. Uma explicação para isso pode ser o fato de eles considerarem função materna conversar sobre sexualidade

e prevenção com as filhas (Dias & Gomes, 1999).

Independente de quem seja a responsabilidade em abordar esses temas com a adolescente, ambos os genitores apresentam dúvidas do que falar e do quanto falar às filhas sobre sexualidade e contracepção. Um fator que pode contribuir para essa dificuldade corresponde ao conhecimento limitado, ou até mesmo ausente, dos pais sobre como realizar a orientação sexual dos filhos (Dias & Gomes, 1999). Assim, os pais podem passar às filhas adolescentes informações equivocadas sobre os métodos contraceptivos, uma vez que até eles apresentam dúvidas sobre as mesmas. Desta forma, as informações fornecidas pelos genitores podem não ser efetivas, mesmo que eles consigam perceber de maneira adequada o que acontece com suas filhas em termos de sexualidade. As orientações apresentam falhas em virtude de diversos motivos. Esses vão desde percepções equivocadas sobre conhecimentos da filha acerca de métodos contraceptivos, até tentativas de adiar a iniciação sexual das jovens e sentimentos de inaptidão para falar tanto sobre sexualidade como sobre métodos contraceptivos (Dias & Gomes, 1999).

As limitações dos genitores ao tratar sobre a sexualidade com as filhas fazem com que as conversas estabelecidas produzam diferentes mensagens. A conversa pode acabar focando no perigo de uma relação sexual e/ou sugerir que o sexo seja preservado para o casamento. Outra possibilidade é salientar a importância da qualidade do relacionamento e dos cuidados necessários para uma vida sexual segura. Ou ainda pode ser ambígua, pois ao mesmo tempo em que o genitor pretende orientar, teme incentivar a prática sexual. Independente do que é de fato transmitido, apenas prestar informação através de conselhos ou indicação de métodos contraceptivos é insuficiente para orientar as jovens, seja para atrasar a iniciação de suas vidas sexuais ativas ou para iniciá-la de forma segura, através do uso de medidas protetivas para o exercício da sexualidade (Dias & Gomes, 1999).

Essas limitações, que são motivo de os pais delegarem à escola e aos amigos esta função de orientação sobre sexualidade, doenças transmissíveis e contracepção, tornam-se ainda mais preocupantes ao constatar que adolescentes consideram seus genitores como principal fonte de diálogo e esclarecimento de dúvidas sobre sexo, DST/AIDS e prevenção de gravidez (Monteiro et al., 2007). Além dos pais serem considerados como principais fontes de diálogo por parte dos jovens, na situação da gestação adolescente, eles também são considerados importantes fontes de apoio (financeiro e afetivo) para vivência da gestação e parentalidade adolescente. Esses aspectos serão tratados na próxima categoria.

Apoio familiar

Muitas adolescentes que engravidam são provenientes de famílias com um nível pobre de comunicação e que apresentam conflitos emocionais. Os resultados encontrados em algumas pesquisas revelam que as adolescentes grávidas tendem a descrever suas famílias como oferecendo menor apoio do que aquele ofertado a jovens que não passaram pela experiência de gestação durante a adolescência (Lima et al., 2004; Moreira et al., 2008). Desta forma, a gravidez na adolescência pode envolver renúncias, inclusive da perda de proteção familiar e da confiabilidade da família, principalmente quando essa não apóia a jovem que passa pela gestação. De fato, poucas são as famílias que aceitam a situação da gravidez na adolescência e procuram lidar com compreensão e afeto com as jovens que engravidaram (Moreira et al., 2008). A reação inicial dos pais é, geralmente, de desgosto, rejeição e tristeza em relação à notícia da existência da gravidez (Lima et al., 2004). Essa reação negativa da família, sentida através da falta de apoio dos pais – expulsão ou agressão física – pode fazer com que a adolescente considere o aborto, a adoção e, até mesmo, o suicídio como forma dar fim a essa situação difícil (Moreira et al., 2008). Contudo, é importante destacar que essa percepção sobre a falta de apoio familiar, possivelmente, já ocorria antes mesmo da existência da gravidez adolescente (Moreira et al., 2008), quando os pais não possibilitam o apoio afetivo (por exemplo), necessários aos jovens no que diz respeito aos estudos ou ao trabalho. Então, a falta de apoio não deve ser atribuída à ocorrência da gestação, mas pode ter se tornado mais evidente pelas dificuldades da família para se adaptar a esta nova situação.

De fato, nem todas as adolescentes recebem o apoio da família diante da descoberta da gravidez (Monteiro et al., 2007). Pais e mães de adolescentes gestantes de nível sócio econômico menos favorecido tendem a não aceitar a situação e a apresentar dificuldades de adaptação à mesma, concretizadas nas dificuldades financeiras, por exemplo, que se tornam maiores com a chegada de um novo membro familiar. Uma explicação para isso corresponde ao fato de que a maternidade/paternidade, nesse momento do desenvolvimento, implica uma sobrecarga financeira para o grupo familiar e, também, pode representar um obstáculo aos projetos de vida almejados para os filhos, que lhes possibilitariam a ascensão social (Moreira et al., 2008).

Além disso, a situação de revelação da gravidez pode estar associada à presença de violência intrafamiliar. Esta pode se manifestar tanto na forma física, através de espancamento, quanto psicológica, através da ridiculari-

zação, humilhação e xingamentos dirigidos a jovem. A indução ao aborto, em alguns casos, também é uma expressão dessa violência (Monteiro et al., 2007). Quando isso ocorre, as adolescentes sentem-se inferiorizadas, culpadas, discriminadas, humilhadas e punidas na sua própria casa. Os autores dessas ações podem ser irmãos, irmãs e até o próprio companheiro, porém o pai e a mãe são os principais agressores (Monteiro et al., 2007).

Em muitos casos, a família não se envolve com a gravidez, pois percebe a mesma como única e exclusiva responsabilidade da própria adolescente. Os genitores podem considerar que a jovem traiu as expectativas da família, transgrediu as normas sociais e descumpriu as orientações a respeito da prevenção do exercício da sexualidade (Dias & Gomes, 1999). Ademais, percebe-se uma forte frustração nos pais pelo fato de o projeto de vida familiar ter sido interrompido e/ou modificado para sempre a partir da situação da gestação (Silva & Tonete, 2006).

Em contrapartida, existem famílias que formam uma verdadeira rede de ajuda à gestante e ao seu bebê. No estudo de Godinho et al. (2000), a maioria das adolescentes entrevistadas afirmou ter recebido apoio tanto financeiro, como afetivo da família durante a gestação, com destaque para as figuras da mãe e/ou do pai. Da mesma forma, no estudo realizado por Sabroza et al. (2004), aquelas jovens que receberam apoio afetivo dos pais foram as que obtiveram maior adesão às consultas pré-natais e às orientações dos profissionais de saúde. Além disso, o apoio está associado a um nível maior de bem estar, a uma melhor vivência e aceitação da gestação e, conseqüentemente, a um desenvolvimento gestacional adequado, que pode ser correlacionado também com o maior número de consultas pré-natais (Sabroza et al., 2004).

Percebe-se que o apoio da família perante uma gravidez adolescente, varia tanto na intensidade, quanto na forma como o apoio da família é fornecido. Em alguns casos, há toda uma mobilização dos membros da família para oferecer uma verdadeira rede de ajuda, sendo observados revezamentos entre os membros femininos da família (mãe, sogra, irmãs e adolescente) para o cuidado com a criança; ou mesmo, irmãos da jovem podem começar a trabalhar para ajudar no sustento do bebê (Hoga et al., 2009). Esse apoio familiar correlaciona-se a adoção de novos modelos de comportamento por parte da adolescente, que assume definitivamente as responsabilidades do mundo adulto. Quando isso acontece, ela mesma, após alguns meses do nascimento do bebê, procura fornecer o sustento e cuidado à criança, restringindo suas saídas noturnas. Além disso, a jovem pode demonstrar o desejo de terminar os estudos para oferecer um futuro melhor ao filho (Hoga et al., 2009). O mesmo pode ocorrer com o compa-

nheiro da adolescente, que também é considerado uma importante fonte de apoio no contexto familiar, uma vez que oferece tanto ajuda financeira, como amor e afeto à adolescente e ao bebê (Godinho et al., 2000).

Nas situações em que a gravidez ocorre em um contexto de organização familiar sólida, as trajetórias das adolescentes, após o nascimento da criança, são marcadas por alianças e suporte da rede social, que fornecem tanto apoio material, como afetivo. Os vínculos afetivos e relacionais reforçam-se entre os membros da família e as adolescentes, sendo ofertado à adolescente e à criança um ambiente adequado ao desenvolvimento de ambos (Hoga et al., 2009).

As principais figuras de apoio citadas pelas adolescentes no estudo de Godinho et al. (2000) são o pai e a mãe da jovem. No entanto, outros familiares, tais como irmãs, tias e avós da jovem, também ofereceram importante suporte (Godinho et al., 2000; Lima et al., 2004). Esse apoio se concretiza em forma de explicações em relação à maternidade, cuidado com o bebê, conselhos, ajuda afetiva e financeira e apoio moral (Godinho et al., 2000).

De fato, os genitores assumem responsabilidade em relação à adolescente - oferecendo carinho e suporte emocional - e à criança que irá nascer auxiliando nos cuidados e ajudando financeiramente a jovem e a criança, independente de estarem morando junto com a filha (Godinho et al., 2000, Silva & Tonete, 2006). No estudo de Heilborn et al. (2002), os pais (avós) dos adolescentes, tanto de camadas médias como populares, mantêm, muitas vezes, o pagamento de suas contas referentes ao filho (neto). Além disso, nas camadas médias, os pais tendem a cuidar dos netos para que a jovem mãe possa continuar os estudos e seguir seu projeto futuro anterior à gestação. Nas camadas populares, também é comum o desenvolvimento de uma rede de ajuda, onde todos colaboram com o sustento da criança ou ajudam a cuidar do bebê para que a mãe possa trabalhar (Heilborn et al., 2002).

Aliado a esse apoio afetivo e financeiro, ao mesmo tempo em que as famílias mostram-se solícitas, alimentam expectativas em relação aos papéis a serem desempenhados pela adolescente grávida. Os familiares avaliam se a jovem está envolvida com sua gestação e, no âmbito familiar, se está preparada para assumir suas responsabilidades com o filho que irá nascer (Silva & Tonete, 2006). As adolescentes sabem que a formação de uma família requer mudanças, como assumir um papel de responsabilidade diante do núcleo que se forma. Entretanto, essa responsabilidade, geralmente, se dá diante da ocorrência do casamento. Mesmo assim, o sustento da casa é realizado por outras pessoas, especialmente marido e

mãe, pois a jovem permanece na casa dos pais ou muda-se para a casa dos sogros. Isso é comum com adolescentes mais jovens, pois estas, geralmente, possuem uma relação mais instável com o pai do bebê, o que as impede de contar com o apoio deles. Nestes casos, a gravidez gera maior dependência dos pais, frustrando o desejo de independência e liberdade (Godinho et al., 2000).

Considerações finais

De fato, a gravidez na adolescência traz mudanças profundas no relacionamento da jovem com sua família. A notícia da gravidez desperta diferentes sentimentos nos genitores da gestante, como decepção, raiva e culpa. Se a adolescente é solteira, seus genitores avaliam o passado, buscando identificar onde foi que falharam. As conversas sobre a sexualidade da adolescente, ou a falta delas, correspondem a uma dificuldade geral para pais e mães, uma vez que os mesmos não possuem informações suficientes sobre métodos contraceptivos e, ainda, possuem limitações pessoais para tratar desse assunto. Com o passar do tempo, algumas famílias adaptam-se à mudança de planos para o futuro e formam uma rede de apoio para auxiliar a gestante nessa experiência, mas, em troca, a adolescente também deve mostrar envolvimento.

Essas transformações e adaptações da família diante de uma gravidez na adolescência dependem do contexto socioeconômico e cultural em que a família está inserida. Mas, de qualquer maneira, esse fenômeno faz com que os genitores não só avaliem seu papel na prevenção da gestação, como reconheçam a sexualidade da filha adolescente e a necessidade de considerar planos alternativos para o futuro da jovem e da própria família. Isso vai determinar a forma como a família se adapta e reage diante da notícia da gestação e após o nascimento do bebê. No entanto, ressalta-se que esse estudo possui limitações pelo fato de terem sido analisados apenas 10 artigos. Além disso, foram pesquisados apenas artigos nacionais. Mesmo assim, nota-se que a família possui um importante papel na experiência da gestação e maternidade adolescente, já que a maneira como ela percebe e reage ao fenômeno contribui para a construção da parentalidade da filha.

Referências

Baratieri, T., Vieira, V. C. L., & Marcon, S. S. (2011). A visão da adolescente com reincidência gestacional sobre família. *Escola Anna Nery Revista*

- de *Enfermagem*, 15(2), 261-269.
- Cervera, N. (1994). Family change during an unwed teenage pregnancy. *Journal of Youth and Adolescence*, 23(1), 119-140.
- Dias A. C. G., & Gomes, W. B. (1999). Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: A percepção dos pais. *Estudos de Psicologia*, 4(1), 79-106.
- Falcão, D. V., & Salomão, N. M. R. (2005). O papel dos avós na maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia*, 22(2), 205-212.
- Gil, A. C. (2006). Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas.
- Godinho, R. A., Schelp, J. R. B., Parada, C. M. G. L., & Bertencello, M. N. F. (2000). Adolescentes e grávidas: Onde buscam apoio? *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 8(2), 25-32.
- Gonçalves, H., & Knauth, D. R. (2006). Aproveitar a vida, juventude e gravidez. *Revista de Antropologia*, 49(2), 625-643.
- Heilborn, M. L. et al. (2002) Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*, 8(17), 13-45.
- Hoga, L. A. K., Borges, A., & Alvarez, R. (2009). Gravidez na adolescência: Valores e reações dos membros da família. *Acta Paulista de Enfermagem*, 22(6), 779-785.
- Levandowski, D., Piccinini, C., & Lopes, R. (2008). Maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia*, 25(2), 251-263.
- Lima, C. T. B., Feliciano, K. V. O., Carvalho, M. F. S., Souza, A. P. P., Menabó, J. B. C., & Ramos, L. S. (2004). Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*, 4(1), 71-83.
- Monteiro, C. F. S., Costa, N. S. S., Nascimento, P. S. V., & Aguiar, Y.A. (2007). A violência intra-familiar contra adolescentes grávidas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(4), 373-376.
- Moreira, T. M. M., Viana, M. V. O., Queiroz, M. V. O., & Jorge, M. S. B. (2008). Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 42(2), 312-320.
- Pantoja, A. (2003). "Ser alguém na vida": Uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(2), 335-343.
- Persona, L., Shimo, A. K., & Tarallo, M. C. (2004). Perfil de adolescentes com repetição da gravidez atendidas num ambulatório de pré-natal. *Revista Latino-americana Enfermagem*, 12(5), 745-50.
- Sabroza, A. R., Leal, M. C., Souza, J. R., & Gama, S. G. (2004). Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do Município do Rio de Janeiro (1999-2001). *Cadernos de Saúde*

Pública, 20(1), 130-137.

Silva, L., & Tonette, V. L. P. (2006). A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(2), 199-206.

Endereço para correspondência

clarissa.tochetto@gmail.com
anacristinagarciadias@gmail.com
naipatias@hotmail.com

Enviado em 19/09/2012
1ª revisão em 05/04/2012
Aceito em 14/06/2012